

O IMPACTO MISSIONÁRIO E A POLÍTICA ULTRAMARINA PORTUGUESA NAS SOCIEDADES ISLAMIZADAS: O CASO DA GUINÉ E AS LEITURAS COLONIAIS (1935-1973)

Joelma Maia dos Santos¹; Lucilene Reginaldo²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jomaiasantos@gmail.com
2. Orientador, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, e-mail: lureginaldo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Projetos missionários, catolicismo, islamismo na África.

INTRODUÇÃO

A ação missionária, normalmente associada às ações de colonização, tem grande importância na ocupação, contato e reconhecimento dos povos e regiões a serem ocupados. Historicamente esta tem sido uma das mais frequentes formas de ocupação colonial.

Na África houve projetos da colonização portuguesa desde o século XV, entretanto, interesses e contextos diversos marcaram essa longa e difícil história de contatos e conflitos. Na fase em que o Brasil ainda era colônia portuguesa, período que vai do século XVI ao século XIX, o interesse luso quase que inteiramente estava voltado para este país, principalmente para a produção de gêneros tropicais e para a exploração aurífera, atividades sustentadas pelo trabalho escravo, outra inequívoca fonte de lucros. À exceção de alguns poucos enclaves, notadamente nas colônias de Angola e Moçambique, a ocupação das colônias africanas se dava de forma indireta e sempre restrito ao litoral do continente. Segundo Valentim Alexandre, a função dos territórios africanos foi essencialmente a de fornecerem mão-de-obra escrava. A independência do Brasil impulsionou Portugal a voltar suas atenções às possessões africanas.

O processo ou as tentativas de colonização e catolicização foram semelhantes em toda a África, mas os resultados foram diferentes para cada região. Nas regiões onde os povos eram praticantes da religião islâmica, o catolicismo e a língua portuguesa não conseguiram muitos adeptos, ao contrário, algumas vezes a colonização portuguesa contribuiu para o avanço do islamismo. Alguns autores que investigam o islamismo e a ação portuguesa nesses países demonstram que o cristianismo e o processo colonial nessas regiões foi mais complexo, pois seus habitantes impunham uma forte resistência aos portugueses, a exemplo da Guiné-Bissau que após séculos de investidas de cristianização, no ano de 1991 somente 10% da população se declarava cristã, contra 35% de islâmicos e uma maioria de praticantes das religiões tradicionais. (BORGES, 2009); (AUGEL, 1997).

MATERIAL E MÉTODOS

Através da leitura e análise bibliográfica buscaremos investigar a expansão portuguesa nas sociedades islamizadas da África Ocidental. Com foco na região da Guiné, mais especificamente no país hoje denominado Guiné-Bissau, a cronologia da pesquisa se concentra na segunda metade do século XIX até a década de 1970. Além da análise bibliográfica a metodologia contempla a análise de fontes.

Durante a empreitada colonial moderna, os portugueses produziram fontes valiosas que testemunham a ação, projetos e ideologias que marcaram a empresa. Recentemente parte deste valioso conjunto foi disponibilizado on-line no sítio http://memoria-africa.ua.pt/Digital_Colecoes.aspx. Este oferece documentos e relatos produzidos por administradores, políticos, estudiosos e ideólogos portugueses entre os anos de 1935 e 1973.

Serviam de divulgação acerca do trabalho desenvolvido nas colônias, além de prestação de contas ao poder metropolitano.

Pretendemos selecionar nestes periódicos, textos que tratam da religião, missionação e cultura dos povos da Guiné, com o intuito de analisar as práticas e os discursos coloniais sobre a resistência à conversão/colonização por parte das sociedades e povos da Guiné.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A Guiné-Bissau é atualmente um pequeno país da região ocidental da África, localizada entre o Senegal e a Guiné Conakry, com uma população que agrupa cerca de 20 etnias. Entre as mais citadas pela historiografia estão os Mandingas e Fulas, estes de grande importância na difusão do Islamismo pela região. A Guiné não é formada só pelos Mandingas e Fulas, mas por diversas outras etnias praticantes de religiões tradicionais e cristãs, que formam essa complexa dinâmica religiosa. Como afirma Ecylla Saluy Moreira Borges "em virtude do variado mosaico étnico, podemos nos referir à Guiné-Bissau como uma sociedade multicultural."¹

Apesar dessa diversidade de etnias, e de alguns séculos de colonização cristã, 33% da população é islâmica, contra 65% de praticantes das religiões tradicionais e 5% de cristãos. A análise dos porquês dessa dinâmica religiosa nos leva a algumas deduções. Primeiro, como afirma M'Bokolo², o islão é uma religião de fácil adaptação para os africanos pois estes já estavam familiarizados com alguns aspectos do preceito islâmico como a poligamia e a circuncisão. Depois, porque o território sofreu a influência de várias religiões além de já possuírem a sua própria. Como demonstrado pelos dados religiosos acima, a religião tradicional permaneceu com uma maioria de praticantes demonstrando a grande resistência guineense à colonização e imposição de outra cultura de maneira geral. Os dados demonstram que o catolicismo, muito mais que o islamismo, não se popularizou nessa região.

A história do islamismo na Guiné – Bissau tem início com o império Mali. Segundo a historiografia, no século XIII surge no território que hoje está localizado entre o Senegal e Nigéria o Império Mali, também denominado Imperio Mandinga. Liderado pelo imperador e fundador Sundiata Keita o império Mali expandiu seu território e conseqüentemente o islamismo por uma vasta região. Segundo Gustavo da Silva Kern

A linhagem da qual Sundiata fazia parte já se islamizara nas gerações precedentes a sua, e aventou-se que nasceu maometano. Porém as tradições descrevem-no como um soberano "estritamente ligado a religião de seu povo" (COSTA E SILVA, 2006, p. 327), ao animismo tradicional voltado aos poderes mágicos, à valorização dos antepassados e as forças da natureza.³

De acordo com Niani

E bem provável que, se Ibn Battūta e Ibn Khaldūn não tivessem mencionado o conquistador em seus escritos – em 1353 e 1376 respectivamente –, os historiadores europeus considerassem Sundiata Keita ancestral mítico ou lendário,

¹ BORGES, Ecylla Saluy Moreira. Estudo de caso em Gabú será que o casamento explica a gravidez precoce das jovens islâmicas (Fulas e Mandingas)? (Dissertação de mestrado). Ufba. 2009.

² M'BOKOLO, Elikia. África negra: História e Civilizações – Tomo I (até o sec. XVIII). EDUFBA/Casa das Áfricas/2009.

³ KERN, Gustavo da Silva. Relações entre o islamismo, a estrutura do estado e a hegemonia do Mali na África Negra durante o século XIV.

tamanha e a importância dele na história tradicional do Mali.⁴

Mas apesar da importância de Sundiata Keita na história dos povos Mandingas, a efetiva expansão do islamismo se deu sob o domínio do seu sucessor o Imperador Mansa Kanku Mussa. Esse imperador é lembrado pela lendária peregrinação às cidades sagradas do islã. Segundo registros de época, em 1324 – 1325 este soberano fez uma peregrinação a Meca com cerca de sessenta mil pessoas e quinhentos escravos, todos carregados de ouro em barra e em pó. Apesar disso, o islã no Mali era mais restrito ao meio urbano, às elites e aos comerciantes, ressaltando que estes últimos tiveram uma grande importância na popularização e difusão do islamismo pelo interior.

O islã com uma presença efetiva na África desde o século XII, quando da chegada dos portugueses no século XV, passara a ter concorrentes de peso no processo de conversão dos africanos. Com a chegada dos europeus a expansão islâmica sofreu um recuo. Mas apesar disso segundo Dias⁵

A penetração do catolicismo e mais tarde do protestantismo, foi desde o início muito limitada e problemática. A expansão das confissões cristãs ficou de uma forma geral, confinadas as populações litorâneas.

Ainda segundo Dias, o cristianismo foi dificilmente aceito entre os guineenses também por causa da associação desta religião com a presença física mais notória de europeus e seus descendentes.

A Missão na África tem início com o descobrimento, pois o processo de colonização no século XV associava-se ao processo de conversão ao catolicismo. Colonizar significava converter. De acordo com Adilson Semedo

Brásio (1973) entende que na base do projecto da conquista de Ceuta aos infiéis estava o ideal missionário concretizado na expressão medieval «serviço de Deus». Assim, conta Brásio (1973) que num dos vários conselhos de Estado reunidos por D. João I, os infantes alegam a seu pai que anseiam pela conquista de Ceuta não por outra necessidade que não fosse servir a Deus.⁶

De acordo com Vanicléia Santos “foi com a idéia de expansão reconquistadora antimaometana que os portugueses se lançaram na ocupação da costa do continente africano.”⁷ Apesar de seus primeiros contatos com portugueses datarem do século XV, as primeiras paróquias na Guiné são criadas em 1533 e somente em 1604 que se inicia alguma movimentação missionária com a visita do padre superior Baltasar Barreira⁸, mas é na década de 30 do século XX que há a implantação do sistema missionário. Na Guiné essa obra foi realizada pelos Franciscanos.

O processo de islamização na Guiné data do século XII, e os contatos dos portugueses nessa região data do século XV, ou seja, os povos na Guiné já vinham de um longo processo de islamização quando da chegada dos portugueses no território. De acordo com José Julio Gonçalves “à data da chegada dos navegadores portugueses à “costa da Guiné” (século XV), já a expansão muçulmana era bastante notória”⁹.

⁴ NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão manden. In: História Geral da África Vol. IV Djibril Tamsir Niane (org.) – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

⁵ DIAS, Eduardo Costa. Protestantismo e proselitismo na Guiné-Bissau: Reflexões sobre o insucesso do proselitismo no Oio e na província Leste. *Lusotopie* 1999, pp. 309-318.

⁶ SEMEDO, Adilson Filomeno Carvalho. Religião e Cultura: A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde.

⁷ SANTOS, Vanicleia Silva. As Bolsas de Mandinga no Espaço Atlântico: Século XVII. Tese de Doutorado, USP 2008

⁸ “Leite de Magalhães”. A guiné através da história. 1920. Pag. 05. Disponível em <http://memoriaafrica.ua.pt/collections/cadernosColoniais/>

⁹ José Julio Gonçalves. O Mundo Árabo-Islâmico e o Ultramar Português. Junta de Investigação do Ultramar. Nº 10, 1962. Disponível em <http://memoriaafrica.ua.pt>

O trabalho dos missionários na Guiné foi dificultado por conta do avanço do islamismo. As missões quando se estabeleceram na Guiné o fizeram no litoral, o interior do território era dominado pelos adeptos do islamismo, e em território animista, pois, de acordo com Silva Rego esses “eram mais permeáveis ao cristianismo”. Segundo o mesmo Silva Rego por “falta de pessoal e meio de penetração escolar” o avanço cristão na Guiné não obteve sucesso.

Todos os escritos portugueses sobre a Guiné tinham como objetivo analisar e entender as causas da dificuldade em submeter esses povos, José Julio Gonçalves chega a afirmar que “a situação missionária da Guiné é hoje por certo – do ponto de vista católico – a mais angustiada de todo o ultramar português”¹⁰. Sendo assim na Guiné – Bissau tanto a política colonial quanto a ação missionária de conversão ao cristianismo não obtiveram os resultados desejados.

Conclusão

Esse trabalho consistiu em analisar os aspectos e características da colonização, em especial a colonização portuguesa, no continente africano. E como tal me permitiu perceber que as dificuldades encontradas pelos missionários na conversão dos povos guineense foram as mesmas dificuldades que os colonizadores português encontraram para a submissão daqueles ao trabalho e ao poder colonial. José Júlio Gonçalves afirma que

É fato curioso, o indígena islamizado oferece mais resistência às verdades do cristianismo. Paralelamente, oferece mais resistência à influencia da civilização portuguesa, tradicionalmente crista.¹¹

E seguindo a lógica de João Lopes Filho segundo a qual um povo que não se submetesse ao poder de qualquer culto religioso dificilmente se submeteria ao poder a ela subjacente vê-se que na Guiné nem um nem outro obteve grande receptividade.

Além disso, é preciso levar sempre em consideração que os africanos, não agiram passivamente diante da invasão de seus países e apropriação de seus bens, algumas vezes agiram de acordo com interesses econômicos, outras vezes os europeus aproveitaram-se de conflitos entre os povos para se estabelecerem no local. É preciso lembrar também das armas e da violência colonizadora. Mas de forma alguma se deve pensar que o imperialismo e a colonização da África se deram com o consentimento dos africanos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Ecylla Saluy Moreira. Estudo de caso em Gabú será que o casamento explica a gravidez precoce das jovens islâmicas (Fulas e Mandingas)? (Dissertação de mestrado). Ufba. 2009.

DIAS, Eduardo Costa. Protestantismo e proselitismo na Guiné-Bissau: Reflexões sobre o insucesso do proselitismo no Oio e na província Leste. *Lusotopie 1999*, pp. 309-318.

José Julio Gonçalves. O Mundo Árabo-Islâmico e o Ultramar Português. Junta de Investigação do Ultramar. Nº 10, 1962. Disponível em <http://memoria africa.ua.pt>

KERN, Gustavo da Silva. Relações entre o islamismo, à estrutura do estado e a hegemonia do Mali na África Negra durante o século XIV.

“Leite de Magalhães”. A guiné através da historia. 1920. Pag. 05. Disponível em <http://memoria africa.ua.pt/collections/cadernosColoniais/>

M'BOKOLO, Elikia. África negra: Historia e Civilizações – Tomo I (até o sec. XVIII). EDUFBA/Casa das Áfricas/2009.

¹⁰ José Julio Gonçalves. O Mundo Árabo-Islâmico e o Ultramar Português. Junta de Investigação do Ultramar. Nº 10, 1962. Disponível em <http://memoria africa.ua.pt>,

¹¹ Idem

- NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão manden. In: História Geral da África Vol. IV Djibril Tamsir Niane (org.) – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.
- SANTOS, Vanicleia Silva. As Bolsas de Mandinga no Espaço Atlântico: Século XVII. Tese de Doutorado, USP 2008
- SEMEDO, Adilson Filomeno Carvalho. Religião e Cultura: A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde. CEAUP, 2009.